RELATORIO.

SOBRE ALGUNS LOGARES
DA
PROVINCIA DO AMAZONAS.

Expecialmente o rio Madeira

AM
080.98113
A489

MANÁOS.

1861—Typ. de Francisco José da Silva Ramos—

RELATORIO.

APRESENTADO

AO

ILLM.º E EXM.º SNR.

DR. MANOEL CLEMENTINO CARNEIRO DA CUNHA

PRESIDENTE DA PROVINCIA DO AMAZONAS,

POR

J. M. da Silva Coutinho,

encarregado de examinar alguns logares da provincia, expecialmente o rio Madeira debaixo do ponto de vista da colonisação e navegação.

MANÁOS.

1861—TYP. DE FRANCISCO JOSÉ DA SILVA RAMOS—

Ill.mo e Ex.mo Snr.

Em officio de 27 de Junho passado ordenou-me V. Ex.ª que seguisse para as freguezias de Serpa, Silves, Borba, Canuman e Crato, a fim de examinar os edificios publicos, escolher no rio Madeira a localidade mais propria para estabelecer uma colonia nacional e propor os melhoramentos que julgasse necessarios á bem desses logares, á vista das circumstancias.

O encommodo que soffri na viagem, e que ainda depois da chegada privou-me de escrever, um pequeno trabalho que me fora ordenado por V. Ex.ª, logo que melhorei, demoraram a apresentação deste relatorio.

Por amor da ordem julguei acertado dividil-o em differentes partes, conforme as materias de que for tratando.

DE MANÁUS Á SERPA, E DE SERPA Á SILVES.

No dia 1.º de Julho ás 5 1/4 da tarde suspendeo o vapôr de guerra Pirajá, que levou-me aos differentes logares, conforme a ordem de V. Ex.ª, e no dia 2 ás 5 ½ da manhã chegou á Villa de Serpa.

Segundo o testemunho do commandante, a marcha do Pirajá não excede de 6 a 7 milhas, empregando-se carvão, e já se vê que, sendo lenha, ella deve ser menor, como aconteceo nesta viagem.

A distancia de Manáus á Serpa é muito proximamente de 90 milhas, e como ella foi percorrida em 12 1/4 horas, segue-se que o navio deitou 7 ½ milhas. Dedusindo-se daqui 3 milhas de corrente a favor, temos que a marcha effectiva do vapor foi de 4 ½ milhas. Este calculo combina com o que se faz a respeito do vapor Manáus, que deita 7 milhas, subindo, sendo a sua marcha de 10, em meia carga.

A navegação desta parte do Amazonas é franca, e muito conhecida. A pedra em que bateo o vapor Rio Negro, da Companhia, fica pouco abaixo da foz do Madeira e perto da margem direita do Amazonas, afastada inteiramente da linha que seguem os barcos. Para evitar este perigo basta seguir o canal, que é encostado á margem esquerda.

Quando a navegação desenvolver-se no Madeira, e em maior escala no Amazonas, convem collocar uma boia e farolete no logar da pedra, para evitar qualquer sinistro, que o descuido, e mesmo as tempestades possam occasionar.

II.

A villa de Serpa, antiga povoação de Itácoatiára, está assentada na margem esquerda do Amazonas, 270 legoas acima da foz, contando pelas voltas do rio, e 30 abaixo desta Capital, em terreno elevado e fertil.

O porto é excellente; os maiores navios podem carregar encostados á terra. A pesar da grande profundidade, porém, é impossivel a construcção de trapiches que possão servir durante o anno, em rasão da grande differença de nivel do rio no verão e no inverno. Onde pelo inverno podem ancorar navios de 25 a 30 palmos de calado, pelo verão caminha-se a pé enchuto.

A matriz tem 50 palmos de frente e 39 de fundo. As paredes, construidas de estacas e argila, com um palmo de largura, soffrem com as chuvas do inverno, e precisão de reparos quasi sempre. A cobertura é de telha, e o interior está decorado mediocremente. Ha duas varandas lateraes, onde se reunem os fieis antes da missa, e que concorrem para que o calor naõ seja taõ forte no interior. Neste clima é de necessidade que os odificios destinados ás reuniões tenhaõ varandas aos lados.

O vigario queixa-se da irreligiosidade de suas ovelhas que, naõ respeitando a casa de Deus, teem tirado por veses a cancella de uma das varandas, dando logar á entrada de animaes, que lá vaõ dormir. Observei o estado immundo dessa parte da igreja, que é para lamentar. Antes fechar de todo a varanda do que conserval-a taõ indecente.

A casa da camara é propriedade particular, que tambem serve de cadeia. O edificio é espaçoso, está em bom estado e presta-se bem ao fim a que se destina. A prisaõ tem uma sala na frente de 900 palmos quadrados, destinada aos homens, e outra de 558 no fundo onde se recolhem as mulheres. A parte pertencente á camara é semilhante á prizaõ, é della separada por um corredor de 13 palmos de largura.

O cemiterio fica ao norte e 150 braças distante da villa. A estacada, muito velha, tem cahido em algumas partes; o gado entra e vae dormir na Capella, viveiro de maribondos, e cujo pavimento parece um deposito de estrume. É preciso concertar a cerca, limpar a capella, por-lhe uma porta, e pregar fechadura na cancella. Para isso a quantia de 100$000 réis é sufficiente.

No porto torna-se indispensavel uma escada de pedra para facilitar o transito na ladeira, encommodo, e perigoso á noite. A escada de madeira que lá tem, muito ordinaria, muito arruinada, é um verdadeiro precipicio. A frequencia dos vapores da companhia, a importancia que vae adquerindo a villa de Serpa como entreposto do commercio do Madeira são motivos fortes para que se melhore o embarque. A obra da escada importará em 1:000$000 réis.

Por falta de tempo não levantei a planta da Villa; porém o Snr. Mauricio Becher offereceo-me um seu trabalho, que me parece regular. Á vista d'elle V. Ex.ª fará ideia do povoado.

III.

Acima de Serpa 250 braças, e na margem do Amazonas, estão os restos da antiga colonia Itacoatiára, estabelecida pela companhia de navegação e commercio do Amazonas. Tem ainda cinco casas cobertas de palha, em mau estado, e tres de telha, estando uma arruinada, além da serraria e olaria. A serraria é movida á vapor, e a machina da força de 20 cavallos. Em um dia, trabalhando regularmente, pode dar 2:000 pés quadrados de madeira serrada, e 15 dusias de ripas de 25 palmos de comprimento e 3 polegadas de largura. Precisa para isso de um machinista, um ajudante, um mestre serrador e 15 trabalhadores. Ha quatro guindastes de ferro na officina, dois dos quaes servem para o transporte das madeiras do porto para a fabrica. Até hoje só se tem serrado os cedros que veem boiando pelo Amazonas, e que algumas veses são laçados da ribanceira. A serraria tem assim a madeira na porta.

A olaria trabalha a vapor, e a machina é de força de 6 cavallos. Esta officina prepara por dia 5:000 tijollos de alvenaria e 1:000 de ladrilho. A argila para fabricação do tijolo é ti-

rada da margem do rio, meia legua acima. Para o interior, 250 braças ao N. encontra-se tambem argila, que pode ser empregada, posto que não seja da melhor qualidade. É provavel que se encontre um deposito mais perfeito examinando-se os logares visinhos.

A estas officinas junta-se uma pequena ferraria em máu estado.

O preço do taboado de cedro regula a 100 réis o pé quadrado, tendo uma pollegada de face, e a 150 sendo de 1 1/2 pollegada. As ripas vendem-se a 3500 réis a duzia. Ora, preparando a serraria 2:000 pés quadrados de taboado, e 15 dusias de ripas, temos que o seu producto bruto é de 6:312$500 mensalmente. Damos 25 dias de trabalho por mez. Dedusindo desta somma a quantia de 1:370$000 de salarios, sendo 200$000 para o machinista, 150$000 para o ajudante, 120$ para o mestre serrador e 900$000 para 15 trabalhadores a 60$000 réis cada um, restão 4:942$500. Dedusindo ainda a importancia de 200$000 juros de 6°/₀ do capital empregado, que supponho ser de 40:000$000 réis, e mais 166$666, juros de 5°/₀ do mesmo, para sua amortisação, vem a ser o producto nato da fabrica de 54:910$000 réis annualmente. Este resultado é tão lisongeiro, que só a virtude das machinas pode explical-o.

A olaria apresenta tambem um resultado muito vantajoso.

O tijolo de ladrilho vende-se a 70$000 o milheiro, e o de alvenaria a 60$000, rendendo assim a officina 2:300$000 rs. mensaes, producto bruto. A despesa com os operarios regula por 1:365$000, sendo 120$000 para um mestre oleiro, 270$ para tres 1.ᵒˢ officiaes a 90$000 cada um, 225$000 para tres 2.ᵒˢ ditos a 75$000, e 600$000 para dez trabalhadores a 60$, e 150$000 para cinco serventes a 30$000. Abatendo esta quantia, resta annualmente 11:220$000, que representa o juro do capital e a indemnisação do mesmo.

E apesar deste resultado, o estabelecimento não progredio, não deo lucros em quanto esteve sob administração da companhia, que por isso teve de arrenda-lo.

O locador trabalha pouco, por falta de gente. Ainda agora alguns operarios abandonarão a fabrica para se empregarem na extracção da seringa no rio Madeira.

A vista dos dados que apresento, não é possivel duvidar-se

das vantagens desse estabelecimento, sob uma direcção intelligente.

A provincia podia compral-o á companhia, mandando contractar trabalhadores para serem empregados. No estado em que nos achamos julgo até uma necessidade, pois a fabrica não só forneceria material para as obras publicas, como tambem aos particulares, que hoje ainda *mandão vir do Pará* com enormes despesas.

A provincia devia redusir o preço dos materiaes, logo que os lucros fossem crescendo.

O maior obstaculo com que tem lutádo o estabelecimento é a difficuldade de transporte do taboado, tijolo e telha para esta Capital, onde são consumidos. Os commandantes dos vapores da companhia não querem receber estes generos á bordo, e com alguma razão, e nem estes barcos são proprios para rebocar. Vae-se tornando necessario um vapor destinado a tal fim, por que em muitas occasiões os que existem não bastam para a conducção dos generos, e assim ficam alguns retardados nos portos, em prejuiso do commercio.

Não foi bem pensado o estabelecimento da serraria e olaria na villa de Serpa, quando devia ser nesta Capital. Os consumidores não pagariam frete tam avultado, a procura desenvolvia-se pela baratesa dos generos, e a fabrica lucraria muito. Manáus é o mercado maior do Amazonas, e como tal offereee mais garantias á qualquer estabelecimento que os outros povoados.

IV

No dia 3 ás 6 horas da manhã segui para a villa de Silves, chegando lá as 3 da tarde. Adistancia entre Serpa e Silves é de 50 milhas, proximamente, indo-se pelo furo de Saracá, A navegaçaõ é franca no inverno, e durante o veraõ em canoas de 5 a 7 palmos de calado. De Serpa navega-se 38 milhas aguas abaixo pelo Amazonas, encostado a margem esquerda, até a boca do furo. Em frente fica a ilha da Caviana, e a parte do Amazonas comprehendida entre ella e a terra firme denomina-se parana-miri do Surucucú.

Ao entrar no Saracá achei 4 1/2 braças de fundo, e

mais adiante 7, 8, e 10, sendo a largura de 50 á 60.

Depois de caminhar-se duas milhas, entra-se á esquerda pelo furo do Urubú, que vai ter ao lago de Silves. O Saracá segue ao norte, e entra no rio Atuman 12 legoas adiante. O lago de Silves é pois affluente do Atuman, e do Amazonas pelo inverno somente. A' villa de Silves chega-se navegando-se 10 milhas pelo furo do Urubù, que tem 100 braças de largura, termo medio, e 9 de fundo. No porto da villa o vapor fundeou em 6 braças.

O lago tem dez leguas de conprimento e 7 de largura, proximamente, distando do Amazonas 3500 braças. Naõ é possivel determinar exactamente a grandeza deste lago, nem de outros da provincia, se naõ depois de serem explorados no veraõ e no inverno. As aguas pelo inverno alagaõ grande parte do terreno, as vezes na extençaõ de 5, 6 e mais leguas.

Alem dos furos do Urubú e Saracá, o lago communica com o Amazonas por mais alguns canaes. No primeiro do lado do sul desagua o rio Urubú, que segundo os praticos nasce nos campos do rio Branco, e é navegavel por muitas leguas. Abaixo de Serpa 3 milhas entra outro canal, por onde passam canoas grandes no inverno, e abrevia muito o caminho de Silves, rasão por que é frequentado. Pelo Saracá gastão dois dias de viagem. e pelo furo de Serpa oito horas. Durante o verão só passão montarias por este furo.

No lago de Silves desagua o rio Anibá, conhecido exclusivamente dos regatões; é de mediana grandeza e navegavel durante alguns dias de viagem. O lago é abundante de pirarucú e outros peixes, e as suas aguas são pretas.

V.

A villa de Silves está assentada em uma ilha elevada na extremidade N do lago, olhando para E. A posição é muito agradavel. A terra firme e as ilhas da visinhança são altas e mui ferteis. O caffé dá perfeitamente bem e assim o algodão, a mandioca, o milho e o feijão. Pelo verão, nos logares que as aguas deixão descobertos, pode-se plantar arroz com muita vantagem. É um dos logares do Amazonas que produz melhor tabaco.

A villa consta de uma pequena rua e praça orladas de pequenas casas, quasi todas arruinadas e a desabar, sendo seis de telha e o resto de palha.

A matriz, que fica no centro da praça, tem 45 palmos de frente e 133 de fundo, e está em pessimo estado. São tantas as goteiras do tecto, que o pavimento, de terra, fica completamente empossado quando chove. Assim aconteceo no dia que lá cheguei. Mas infelizmente isto não é ainda o peior. Poucos dias antes havia-se festejado S. João, e era de presumir que se tivesse preparado a Igreja, limpando-a pelo menos; no entanto, nas columnas do cruseiro, na altura de 9 palmos, estavão, como servindo de ornamento, algumas casas de maribondos! O mesmo acontecia no tecto do altar mór, na sacristia, no edificio em geral. Com os maribondos cohabitão os morcegos a Igreja. O cheiro do excremento desses animaes é insuportavel logo que se chega perto do altar. Nem as Imagens foram respeitadas. O manto de N. S. da Conceição, o rosto de N. S. Santa Anna estão sujos da secreção dos morcegos! Do resplandor do Menino Deos havia-se tirado ha pouco uma grande casa de maribondos, cujos vestigios viam-se ainda! Parece que a Igreja esteve abandonada por longos annos.

Além de tecto, completamente estragado, a parede da esquerda ameaça ruina proxima; o reboco está todo fendido, muitos pedaços do enchimento tem cahido, o que tambem acontece no da sacristia. O concerto da Igreja equivale a sua reedificação, pois só a parede da direita, feita de pedra ha pouco tempo, pode ser conservada. Para a reconstrucção, a quantia de 4:000$000 réis será sufficiente, e 800$000 réis para os reparos mais urgentes.

O cemiterio, cercado de estacas, é novo, mas não tem ainda capella; fica quasi dentro da villa, o que é um grande mal. Não mui distante ha logares altos e excellente para tal fim.

A casa da Camara tem 85 1/2 palmos de frente e 53 de fundo. Hum corredor central de 16 palmos de largura devide o edificio em duas partes iguaes, tendo cada uma na frente uma sala de 1:122 palmos quadrados e um quarto no fundo de 680. Só uma dellas está prompta, servindo o quarto de prisão e a sala para os trabalhos da Camara. Resta muito

pouco para a conclusão da outra parte,

As paredes tem um palmo de grossura, e são feitas de estacas e argila. D'ahi resulta que as chuvas dissolvem a argila, e assim a parede destroe-se facilmente. A coberta é de telha. Este s stema de paredes é o mais ruinoso que conheço: além do grande mal que resulta do emprego da argila pura, ha tambem a destruição da madeira pelo cupim, que é quasi certo no paiz. A falta quasi absoluta de tijolos obriga á lançar-se mão deste meio imperfeito. Por toda a parte o mesmo atraso, a mesma imperfeição, por falta de braços não, por causa do jugo despotico da ignorancia e licença em que desgraçadamente vivem os indios e seus descendentes.

Silves vai desaparecendo sensivelmente. A camara Municipal é sustentada quasi por dous ou tres negociantes que estão dispostos a mudarem-se. A frequencia dos vapores em Serpa é uma das causas de seu atraso. O trabalho, perfeito ou imperfeito, procura naturalmente as circumstancias mais favoraveis.

Em Silves procurei algumas informações sobre o rio Atuman, e eis o que pude colher.

O Atuman entra no Amazonas cerca de 12 legoas abaixo de Silves; tem na foz 200 braças de largura e segue a direcção geral de E-O. Na occasião da enchente podem subir grandes navios até o logar denominado — Maximiana, onde há uma pequena cachoeira de pedras de amolar (Schistoargiloso). A profundidade é, termo medio, de 35 palmos.

O indio Mandú-assú, velho pratico desse rio, sabe de um furo que vae ter a um outro rio, que corre para o S., depois de ter passado em um grande lago. Será este o rio Urubú ou o Tarumans? Só depois de uma exploração poder-se-ha resolver a questão. É tam grande o numero de rios e lagos' que torna-se impossivel qualquer conjectura. A communicação tem logar muito acima das cachoeiras do Atuman, 60 dias de viagem da foz, em montaria. Mandu-assú habita na povoação de N. S. do Rosario, na foz do Jatápú affluente do Atuman. Este braço entra na margem esquerda e é o mais consideravel. Em suas margens, e no terreno que medeia entre elle e o Atuman, vagão as tribus Aruaquis, Parequis, e Banauaris, que negocião com regatões e plantão roças. Indios de

tribus diversas teem sido encontrados, mas que não fallão dialecto conhecido dos naturaes, e conservão-se ainda no estado completamente selvagem; não plantão nem usão de redes; os fructos silvestres constituem o seu alimento. Sabe-se por informações que nas cabeceiras do rio existe a tribu Jupará completamente desconhecida.

Se me fosse pussivel fallar com Mandû-assú talvez colhesse informações valiosas ao menos para esboçar a carta desses logares, até agora completamente desconhecidos.

É voz geral que nas cabeceiras do rio Atuman existem campos, o que concorda com as informações que temos do Urubú. O conhecimento do limites S. desses campos é de proveito, porque talvez seja possivel achar uma communicação mais facil entre elles, o Amazonas e o Rio Nagro, sem o inconveniente de cachoeiras, como acontece no rio Branco.

VILLA DE BORBA.

Segui para Serpa no dia 6, e as 7 horas da manhãa do dia 7 continuamos a viagem para Borba, onde chegamos as 4 1/2 horas da manhä de 8.

A villa de Borba está assentada na margem direita do rio Madeirá, 25 legoas acima da foz. E' uma praça regular, orlada de casas de telha e de palha, tendo no centro uma Igreja em construcção. A decadencia deste povoado é visivel.

Borba, depois de ter occupado alguns logares um pouco abaixo da primeira cachoeira do rio, perseguida pelo gentio Mura, veio estabelecer-se na posição indicada, onde mais promptamente podia ser soccorrida.

A industria prominente do logar é o fabrico do tabaco, que goza de merecida reputação no mercado. Além do tabaco, cultiva-se mandioca, milho, que chega escassamente para o consumo. A farinha que se gasta nas fabricas de seringa estabelecidas nas margens do rio vem quasi toda do Pará! No tempo da vasante o povo emprega-se na pesca do pirarucú, na fabricação do aseite da tartaruga, na *viração* destas.

A villa de Borba já teve seus tempos de gloria, já florecêo, e o que é para admirar, quando as circunstancias não eram tam favoraveis como hoje, quando não havia navegação á va-

por no Amazonas, quando finalmente as viagens da capital do Pará se faziam em tres e quatro mezes. Os Jesuitas tiveram em Borba uma olaria bem montada. No logar em que esteve esse estabelecimento ainda vi escavações, donde se tirava o barro, e achei alguns pedaços de tijolos fabricados ha mais de um seculo, em bom estado. Vi tambem os grossos alicerces d' uma igreja que elles começaram, mas que não foi concluida. Existem ainda os restos de dous canos de esgoto subterraneos, que partindo do logar do antigo hospicio vão ter ao rio. O facto de não concluir-se a igreja parece provar que os jesuitas estiveram em Borba até a sua extincção do Brazil. Ha um seculo, pois, que houve uma olaria nesse logar, que trabalhava regularmente, fornecendo materiaes para as contrucções.

Na casa que serve de matriz ainda existe uma bella imagem de S. Francisco, que foi da Igreja dos frades e outra do Senhor Crucificado.

A matriz actualmente em construcção tem 50 palmos de frente e 150 de fundo; ha por em quanto a coberta de telha, e os moirões formando o esqueleto das paredes. O tecto foi mal construido, e por isso abateo em alguns pontos.

Aconselhei ao Vigario que mandasse fazer quatro thesouras para evitar a ruina de todo o edificio, que será certa a conservar-se o tecto no mesmo estado. Com a quantia de 4:000$000 réis pode-se concluir a Igreja. Serve de matriz uma casa particular, acanhada, com alpendre para poder accommodar os fieis.

O cemiterio não está em máu estado, e é soffrivel, donde se conclue que o vigario cumpre muito bem com as suas obrigações.

A camara municipal não tem casa propria, e de cadêa serve uma propriedade particular, insignificante.

O terreno em que está assentada a villa é alto e parece muito fertil. A argila, um dos seus alementos, presta-se bem a fabricação da telha e tijolo.

O desembarque torna-se um pouco difficultoso, principalmente no tempo de verão, sendo necessario por isso construir-se uma escada de pedra, que pode importar em 500$000 rs.

Em Borba fabrica-se o tabaco da mesma maneira que em outros logares da provincia. Depois da planta ter chegado ao

seu completo desenvolvimento, isto é, quando as extremidades das folhas começão a murchar, são estas colhidas e postas a seccar á sombra. No fim de 15 a 20 dias tira-se o tallo das folhas, a nervura principal, e formam-se molhos fortemente apertados com embira, que é substituida no fim do processo pela *jacitara*. Os molhos de duas libras tem 1 pollegada de diametro e 6 1/2 palmos de cumprimento.

A distancia de Borba á Serpa é de 30 leguas, e de 50 á Manáus, pelas voltas dos rios.

DE BORBA Á ALDÊA DOS MURAS NOS BAETAS; VOLTA A CAPITAL.

De Borba segui no dia 8 as 10 1/2 horas da manhã, e cheguei á aldêa dos Muras, 1 legoa acima da fóz do canal do lago dos Baetas, no dia 11 ás 5 1/2 da tarde. A aldêa compõ-se de 5 casas de palha, habitadas por cinco familias de indios Muras, quasi todos velhos. Informaram-me depois que os moços fugiram da aldêa com a nossa chegada, temendo serem recrutados. O capitão Xico, tuxáua, recebeo-nos de casaca, e não se prestava a serviço algum, mandando imperiosamente o seu ajudante. Estes indios vivem na maior miseria; tratão só da pesca e não cuidão em plantações regulares. As pequenas roças de mandioca, que fazem, é com o fim somente de fabricarem bebidas fortes, com que se embriagam. O logar é alto, as terras muito ferteis, podendo estabelecer-se uma povoação com vantagem.

No dia 15 voltei da aldêa, e cheguei a esta Capital no dia 19 as 10 horas da tarde.

O vapor não pôde chegar ao Crato por falta de pratico. O que levamos de Borba ha seis annos que não fazia a viagem, e assim desconhecia os logares mais baixos e perigosos. Alem disso, houve falta de lenha. A que encontramos na aldêa escassamente chegou para 20 horas de navegação, rio abaixo, que na subida equivale a metade.

Não fui tambem á Canuman, por que a lenha que o vapôr tomou em Borba não era sufficiente, tanto assim que chegamos a este porto com 100 achas de sobra.

Alem de Borba, o vapor tocou em tres pontos do Madeira:

no sitio do Mandihy, da Boa vista e do Guirra, na foz do Manicoré. Na volta foi preciso fazer lenha no sitio da Boa-vista, onde nos demoremos um dia, pois a que trouxemos de Baetas acabou-se neste ponto.

RIO MADEIRA.

O rio Madeira é o maior affluente do Amazonas, e o mais importante pelos valiosos productos que contem em suas margens, por ser o nosso caminho mais facil para a provincia de Matto Grosso e para a fronteira da Bolivia. Dezagua na margem direita do Amazonas na lat. 3° 23' 43" S. e long. 358.° 52' a E. da ilha do Ferro, segundo as observações do Sargento-mór de engenheiros Ricardo Francisco de Almeida Serra. Pelas voltas do Amazonas, a foz do Madeira está distante do mar 275 leguas, e 5 acima da villa de Serpa. A sua largura ahi é de 1250 braças proximamente. Castelnau avalia essa distancia em 4:500 braças com muita exageração. No logar dos Baetas, 94 1/2 leguas acima, pelas voltas do rio, tem 180 á 200 braças, e na caxoeira de S. Antonio, 80 legoas além, 100 mais ou menos. Nos Baetas a corrente é de 3 1/2 milhas, de 1 em Borba, e de 600 braças na foz. Em uma hora o Amazonas recebe do Madeira 2.250.000:000 de palmos cubicos d'agua. A profundidade não varia da foz a Villa de Borba, 25 leguas acima; achei quasi sempre 6 braças no canal, e d'ahi á aldêa dos Muras, 5. Informaram-me os praticos que até á cachoeira de S. Antonio o rio é tam fundo ou talvez mais do que nos logares, por onde passamos. O facto da subida do vapor Guajará em 1854 até á povoação do Crato, no mez de Setembro, quando o rio está mais secco, prova que ha fundo sufficiente para navios que demandem de 6 á 8 palmo d'agua em todo tempo. Durante os seis meses de inverno, de dezembro á maio, grandes barcos podem chegar ás cachoeiras.

Em quatro pontos a navegação exige cuidado: na foz do Anhangatini, na parte superior da barreira dos Marmellos, em frente ás ilhas do Uruá e das Pirahibas. Na foz do Anhangatini o vapor passou em 9 palmos, e disse o pratico não haver mais fundo em outra parte. Isto parece quasi impossivel. Além do pratico ser ignorante, á ponto de não sa-

ber o nome de muitos logares, desconhecia tambem a direcção do canal mesmo durante o dia. Em uma noite o vapor encalhou, e tivemos de esperar o dia para seguirmos viagem.

Sendo o canal sempre de 5 á 6 braças, como é que subitamente passava a 9 palmos, quando o rio ahi não tinha mais largura, unica circunstancia que faria diminuir a profundidade, sendo o leito de arêa? Se este fosse de pedras, cumprehende-se bem o abaixamento das aguas, mas sendo de arêa é um verdadeiro absurdo. As pedras podiam formar uma restinga que fosse de um á outro lado do rio, diminuindo assim a profundidade. Então a corrente seria maior, e o abaixamento das aguas insensivel nesse ponto, na occasião da vasante.

Na volta passamos nesse mesmo logar, sem encontrar o menor obstaculo, tendo as aguas já descido cinco palmos.

Em frente á ilha do Uruá ha pedras, na margem esquerda, e o canal é encostado á ilha. Quasi na ponta superior afasta-se um pouco, e segue-se pelo meio do rio.

Ao terminar a barreira dos Marmellos, na margem direita, encontra-se o mesmo obstaculo, entrando as pedras 10 á 15 palmos pelo rio. Do outro lado prolonga-se um banco, e o canal passa entre elle e os rochedos. Ahi encontrei 7 braças de fundo, mas como a corrente é forte e o canal tortuoso, é preciso attenção na passagem.

Quando se estabelecer a navegação á vapôr, nestes tres pontos deve-se plantar balisas para evitar qualquer perigo.

Como a viagem não era propriamente de exploração e sim policial, deixei de sondar o rio na foz do Anhangatini, em toda a sua largura, a fim de verificar o dito do pratico.

Na ilha das Pirahibas, que fica 122 legoas acima da foz do Madeira, deve-se passar pelo Paraná-miri da esquerda, pois no que fica á direita da ilha ha pedras que difficultão a navegação.

Attenta a grande importancia do rio Madeira V. Ex.ª reconhecerá commigo a necessidade de uma exploração regular nas epochas de maior variação, enchente e vasánte, unico meio de estudar-se o regimen e outras circumstancias que é preciso pesar bem quando se trata da navegação á vapôr.

Nas ilhas e nas margens do Madeira abunda extraordinariamente o páo mulato, excelente combustivel para ser emprega-

do nos vapores. Estes podem tomar lenha em borba, e d'ahi por diante em qualquer ponto. Como o rio não é muito largo, as tempestades do inverno deixão de fazer tanto mal aos barcos como no Amazonas, rio Negro. e Solimões.

Os vapores empregados em a navegação do Madeira não devem ser muito compridos, em consequencia das voltas do canal. Como durante o inverno descem grandes madeiros, os vapores convem ser preparados de maneira que possão evitar o choque desses corpos sobre as rodas, que transtorna as viagens muitas vezes, como tem acontecido no Amazonas e no Solimões, e estraga o casco e a machina do navio. É um acrescimo insignificante, e muito necessario aos vapores que navegão nos rios.

O Madeira começa a encher em principios de Outubro, e em Março tem chegado á maxima altura. De Abril em diante tem lugar a vasante, que vai até fins de Agosto. No mez de Setembro as aguas parecem estagnadas, subindo e descendo as canoas com a mesma facilidade.

Da foz ao logar dos Baetas (aldêa dos Muras) o Pirajá gastou 74 horas e 8 minutos na subida, e 40 h. e 35 m. na descida, como sé vê da seguinte tabella.

TABELLA dos tempos gastos na subida e descida do vapor Pirajá da foz do Madeira ao logar dos Baetas e pontos intermedios.

	Subida.		*Descida*	
Da fóz do Madeira a Canuman . . .	8 h.	10'	6 h.	0'
De Canuman á Borba	8	20	5	25
De Borba ao Sitio Mandihy	4	30	2	40
Do Mandihy ao Sitio Boa-vista. . .	12	55	6	0
De Boa-vista á fóz do Manicoré. . .	19	20	10	0
De Manicoré ao sitio Jacuarana . .	2	45	1	17
De Jacuarana á fóz do Rio Marmellos.	12	8	5	50
Dos Marmellos á Aldêa dos Baetas. .	6	0	3	23
Somma . .	74	8	40	35
Differença .	33 h. 33'			

A marcha do vapor pode ser estimada com muita approximação em 7 milhas, na descida, o que dá 94 1/2 leguas para a distancia entre os mencionados pontos. Este resultado differe pouco do que obteve o Engenheiro Serra quando em 1790 explorou o Madeira até a Villa Bella em Matto Grosso. Seu calculo deo 105 leguas.

Da cachoeira de Santo Antonio ao Amazonas, a distancia é de 186 leguas, pelas voltas do rio, segundo o mesmo autor.

As minhas observações barometricas dão a aldêa dos Muras 120 palmos acima do nivel do Amazonas, onde desagua o Madeira; e como a distancia em linha recta é de 65 leguas, a ascensão do terreno regula a 2 palmos por legua. Por causa desta pequena differença de nivel as aguas conservam-se quasi estacionarias pelo verão.

Da fóz á primeira cachoeira a direcção geral do rio é de SO.-NE.

Os seringaes abundam nas ilhas e margens do Madeira, do furo do Uautás em diante, e as cupaibeiras de 5 leguas mais ou menos para o interior. Estas arvores crescem somente nas terras altas, não alagadas pelo inverno A seringueira, pelo contrario, nos logares humidos, nos *igapós*, como disem os naturaes. A castanheira é cosmopolita. A salsa, como a cupaibeira, só se encontra na terra firme.

Na margem direita o Madeira tem alguns affluentes notaveis, o que não acontece na margem esquerda. Fallo somente da parte inferior do rio, da primeira cachoeira á fóz.

O rio Purús corre muito proximo do Madeira, á esquerda, e é por isso que desse lado este não tem affluentes. Como entre um e outro existem grandes lagos, pode-se estabelecer facilmente a passagem aperfeiçôando-se os canaes, que dos lagos vão ter a ambos. Na margem direita o terreno é muito extenso, e por isso as aguas reunem-se, e podem formar affluentes mais ou menos consideraveis.

Para avaliar-se melher do valle do Madeira julguei acertado juntar aqui alista dos seus tributarios, lagos e rios, as informações que pude colher sobre cada um delles e as distancias ao Amazonas.

Affluentes do Madeira á contar da fóz.

Margem direita.

Lago do Sampaio. . . 11 ls.
Dista 1/2 legua da margem do rio, e é abundante de pirarucús e tartarugas.

Furo do Urariá ou Tupinámbarana . . 13 »
Segue no romo de O. e vae sahir no Amazonas abaixo de Villa Bella, formando assim uma grande ilha de mais de 50 legoas de comprimento e 13 de largura. A contar do Madeira, desaguão neste furo os rios Canuman, Abacaxis, Paracuny, Apocuetáua, Maués, Andirá, e Mamurú. A excepção do 3.º e 4.º que são pequenos, os outros cursão longe, e no fim de 20 dias de viagem, mais ou menos, entrão em grandes campinas. No 1.º, 2.º, 3.º, e 4.º vagão os indios Mundurucús, nas cabeceiras; no 5.º 6.º, e 7.º os Maués. Os Mundurucús são notaveis pela boa indole e fidelidade; os Maués pela industria do guaraná, que constitue um ramo importante de commercio.

Lago do Anuman.
» » **Guariba**
» » **Canintau'**
» » **Taboca**
» » **Macacos**

Margem esquerda.

Furo dos Uautás 31 ls.
Este furo segue no rumo de O-SO; tem 40 braças de largura e fundo sufficiente no inverno para grandes canoas; no verão só passam pequenas montarias. É um braço do rio Uautás, ou canal por onde as aguas deste vem confluir no Madeira, O Uantás desagua no Amazonas 2 legoas a O do Madeira, e dimana, segundo os praticos, de um grande lago no interior, do qual partem outros canaes, que vão confluir no Amazonas e no Purús, no tempo da cheia. Na Carta topographica da provincia, organisada pelo Visconde de l'ile Adam vem este lago com o nome de Aráras.

Margem direita.

LAGO DO JACARÉ. 39 ls.

» » CÁUA. 39½»

» » MATÁMATÁ 46 »

É abundante de tartarugas e de pirarucús, assim como os antecedentes.

RIO ARIPUANÁ. . . . . 51 »

Segue no rumo de S; na foz é taõ largo como o Madeira, mas estreita pouco acima, e vae com 50 á 60 braças até as cachoeiras, que são 5 e distão da foz 40 leguas, proximamente; em montaria gasta-se 6 dias de viagem. O Aripaná cursa muito longe, e pode ser navegado durante oito mezes do anno, no inverno, em barcos que demandem de 8 a 12 palmos d'agua. Disem os naturaes que ha campinas nas cabeceiras. As cupaibeiras abundão nas margens deste rio, de 6 leguas da foz em diante. Na parte superior tem os indios Aráras algumas aldêas, assim como 3 tribus dedenominadas – Hiauareté-tapui, Anerá-tapui e Matanaús, que alguns praticos suppoem que são ramificações da primeira.

RIO MARIAIPÁUÁ. . . . 53 »

Tem 30 braças na foz, e já foi navegado 15 dias em montaria, o que lhe dá 30 leguas de curso, pois a viagem foi um pouco demorada. Tem agua preta, e em suas margens abundão

Margem esquerda.

LAGO DO ARARY. 34 ls

É de mediana grandesa, abundante de tartarugas.

LAGO HIAUARY.

RIO DAS ARÁRAS.

Tem 14 braças de largura, e não vai muito longe.

LAGO MATAPI'. . 86

É rico de tartarugas e peixes.

Margem direita.

as cupaibeiras e castanheiras.

Rio Mataurá . . . . . 62 ls

Segue no rumo de S. 1/4° SO; tem 40 braças de largura e fundo durante o inverno para canoas de 6 a 8 palmos de calado. O major Serra diz em seu diario que este rio communica-se com o Camunan. Os praticos do logar, a quem consultei, nada sabião a tal respeito. Esta communicação parece-me impossivel, por causa do Aripuaná, rio que cursa muito longe, como já ficou dito. Era preciso que o Canuman passasse além das cabeceiras do Aripuaná para communicar-se com o Madeira por meio do Mataurá, circumstancia que não é muito provavel. Como o Aripuaná, o Matauré é rico de cupaibeiras, e na parte supero tem os Muras algumas aldêas.

Rio Anhangatini (hoje se diz Uatininga) . . . . . 67 »

É pequeno e de agua preta.

Rio Manicoré. . . . . 75 »

Entra no rumo de SE. com 50 braças de largura, dando passagens a canoas grandes durante o inverno. Informaram-me os naturaes que elle cursa longe, e em suas margens abundam as cupaibeiras. Tem agua preta.

Lago Murucututu'. . . 88 »

É de mediana grandesa e rico

Margem esquerda.

Lago Murassutuba 71 ½

Rio Capanan. . . 82 ls

É de agua preta, tem 50 braças de largura, proximamente, e fundo para canoas que demandem de 8 á 10 palmos. O Major Serra diz que este rio se communica com o Purús no fim de 12 dias de viagem. A pequena differença de nivel que apresenta o terreno entre os dous rios, a grande elevação das aguas pelo inverno, podem occasionar a abertura de canaes, que partem do que tem o leito mais alto. É o que se vê entre o Hiapurá e o Solimões, na parte superior e inferior, entre o proprio Madeira e o Amazonas. As mesmas razões concorrem para a reunião das aguas das chuvas no interior, formando lagos, que durante o inverno vão desaguar nos rios, directamente, ou em

Margem direita.

de tartarugas e peixes.

FOZ DE UM CANAL que estabelece communicação entre o Madeira e a parte superior do Manicoré. Provavelmente o lago Murucututú alimenta em parte este canal, cujas aguas pretas bem mostram que vem de logares encharcados. 89 ls

RIO DOS MARMELLOS (Araxiá) 90 »

Com 80 braças de largura entra no rumo de SE. este rio, que durante o inverno dá passagens a canoas de 15 á 20 palmos, e pelo verão de 4 á 6 de calado. A 30 leguas da foz encontram-se sete cachoeiras, uma das quaes tem 50 palmos de queda no tempo da maior vasante. Pelas outras passam canoas de mediana grandesa, sem grande encommodo. Acima das cachoeiras, não mui distante das margens, ha serras que não são altas. O rio entra depois em um grande campo, que se prolonga á direita e a esquerda, os quaes são de arêa e tem uma rara vegetação de capim, que secca logo no começo do verão. Em compensaçaõ abundam algumas arvores fructiferas, cajueiro, axiuá, muruxi, sorva pequena, murici &c. Da margem esquerda do Tapajós prolongam-se grandes campos da mesma

Margem esquerda.

canaes que os communica. Para exemplo temos os lagos de Anamá e Piurára, no rio Solimões; o de Silves, no Amazonas, e outros muitos entre o rio Branco e Padauary, entre o Rio Negro e Hiapurá.

A communicação que dizem haver entre o Purús e o Madeira, abaixo das cachoeiras d'aquelle e acima das deste, sem o menor embaraço, parece impossivel. O terreno eleva-se da margem do Amazonas para o interior; a differença de nivel pode não ser distribuida uniformemente, mas não deixa de existir; o braço que parte do alto Madeira a confluir no Purús, sendo franca a navegação deste até á fóz, ha de correr necessariamente sobre um plano inclinado, tanto quanto é o do Madeira na extenção das cachoeiras,

Margem direita.

natureza que estes, e a noticia das campinas do Aripuaná, de Abacaxis, Canuman e outros tributarios do Tupinambáranas, levam a crer que os campos occupão todo o interior.

O rio dos Marmellos é tambem rico de cupaibeiras, na parte superior, e de seringueiras nas proximidades da foz. Nelle vivem os indios — Turás, Muras, Aráras, Matanauis e outras tribus desconhecidas, assim como são as cabeceiras do rio, que tem as aguas côr de caffé.

Rio Uruapiára . . . . 94 »

Propriamente o que desagua no Madeira é o lago Uruapiára, no qual entra o rio do mesmo nome. Este segue no rumo de E SE; é de agua preta e corsa longe. Em suas margens vaga uma parte da tribu dos Parintintins, que tem privado os regatões de subirem em busca de oleo de cupaiba. O lago fica a 4:500 braças para o interior, e prolonga-se parallelamente á margem do rio, á SO, na distancia de 4 legoas. Pelo inverno, de dezembro a junho, communica-se com outros menores, que ficam adiante. Nos terrenos visinhos, humidos e em grande parte encharcados, abundam as seringueiras.

Margem esquerda.

com pouca differença. A queda tornar-se-hia insensivel si por ventura o caminho percorrido fosse muito grande, e neste caso nada se ganhava com a navegação pelo Purús. A distancia entre elle e o Madeira, pelo contrario, é pequena, segundo alguns praticos, e pelo que se pode concluir da disposição hydrographica desta parte do valle do Amazonas; por consequencia, para chegar-se ao ponto superior das cachoeiras do Madeira tem-se de vencer as mesmas difficuldades, quer por um quer por outro lado.

Lago Hiauary . .

É grande e abundante de peixes e tartarugas.

Margem direita.

LAGO MIRITI.

Dista 1/2 legua da margem, é pequeno e pelo inverno communica-se com o Uruapiára.

LAGO DO ANTONIO.

É grande, dista 200 braças da margem do rio

LAGO TRES CASAS.

» PUPUNHA.

» DO REI.

São todos grandes, abundantes de peixes e tartarugas, e ficão para o interior 250 á 300 braças.

LAGO MAICI'.

Nelle desagua o rio do mesmo nome, onde os Parintintins tem algumas aldêas.

RIO MACHADO (Gipararaná) 145»

É maior que o dos Marmellos, e tem fundo sufficiente para grandes canoas. De 6 leguas da foz em diante a largura torna-se 3 á 4 veses maior; encontram-se algumas ilhas de grandesa mediana, ricas de seringueiras e castanheiras. O rio continua por uma campina, que disem os naturaes ser o prolongamento da dos Marmellos. Antes de ahi chegar, e ainda na região das florestas, ha 7 cachoeiras, das quaes só uma tem 3 palmos de queda no verão: as outras passam-se bem. Muitas aldêas de Turás, Aráras, Matanauís, Urupás estão estabelecidas nas margens deste rio,

Margem esquerda.

LAGO DOS BAETAS. 99 l.

É pequeno, porém abundante de peixes; desagua no Madeira 1 legoa abaixo da aldêa dos Muras.

LAGO ACARÁ. . . 100»

Dista 800 braças da margem do rio, desaguando pouco acima da mencionada aldêa; é grande.

LAGO DO REI . . .

Não é grande e fica 300 braças para o interior.

LAGO JURARÁ. . .

É grande e fica 1/2 legua do rio. . . .

LAGO CARAPANANTUBA.

Como o antecedente,

Mar4em direita.

que possue em abundancia as melhores drogas do paiz.

LAGO MURURÉ.

O Major Serra suppõz que o desaguadouro deste lago fosse um igarapé, e assim vem no seu diario com o nome de Jacaré. O lago dista 1/2 legoa do Madeira; é grande e piscoso.

LACO CURICÁCA.

Aqui tambem enganou-se o major Serra ou foi mal informado. Ao canal deste lago chamou elle pequeno rio Macacipé. Os naturaes informaram-me que no lago existe uma cobra sucurijú de extraordinaria grandesa, conhecida de todos que lá vão trabalhar na extracção da seringa e oleo de cupaiba.

LAGO TUCUNARÉ.

Um dos praticos a quem consultei não me deo noticia deste lago; mas como vem mencionado no Diario do Major Serra, julguei conveniente fazel-o aqui tambem, pois confio nesse trabalho.

RIO HIAMARY. . . . . 164»

O Hiamary é maior que o rio Marmellos; tem fundo de 35 á 40 palmos pelo inverno, corsa muito longe, e em suas margens abundam as drogas mais valiosas do paiz. Os Parintintins tem muitas aldêas na parte superior, os Turás na par-

Margem esquerda.

LAGO PURU'S . . .

Tambem o mesmo.

LAGO JOÃO BEHEM.

Dista 200 braças do rio, e é grande. A povoação do Crato fica entre elle e o Purús.

IGARAPÉ MIRARY. .

É pequeno, e nasce nos campos do Crato

LAGO CONIKAHIN. .

Dista do rio 2 legoas, e é grande.

LAGO CAPITARY. .

De mediana grandesa, e distante da margem do rio 500 braças.

Margem direito.

te inferior. Com doze dias de viagem da foz encontram-se grandes campinas. Os praticos dão noticia de uma tribu que vaga nas cabeceiras do Hiamary, que tem a cutis clara e os cabellos avermelhados. Estes indios são mui bravios, não procurão relações nem mesmo com os outros indios. Só por duas vezes teem sido vistos.

Margem esquerda.

LAGO TAMANDUÁ. Fica para o interior 1/2 legoa, e é grande.

LAGO JUTUARANA. Taõ grande e taõ distante como o antecedente.

Os rios e os lagos são muito abundantes de peixes e tartarugas. Os lagos tem agua preta, e os rios tambem, a excepçaõ do Aripuaná, que é claro e crystallino pelo veraõ.

O Madeira tem 52 ilhas até a cachoeira de S. Antonio. Muitas saõ grandes, tendo 4, 3 e 2 leguas de comprimento. Nas mais altas, a lavoura da canna seria de grande interesse. A das Aráras é a mais importante pela grandeza e abundancia de seringaes, por que tem muitas terras altas, a que não chegam as enchentes ordinarias, rasaõ por que é povoada.

	RELAÇÃO DAS ILHAS.	GRANDEZA	DISTANCIA Á FÓZ DO RIO.
1	Capitary	1	leguas.
1	Urucurituba.	100 br.as	
1	Sebastião	1500	
1	Rozario	600	
2	Valentim	100	
1	Maracá.	1200	
1	Aximin.	1000	
1	Mangiricão.	50	
1	Guaiaba.	100	
1	Trucaná	200	
1	Borba	450	25

		Braças.	Leguas.
1	Guajará	70	
2	Mandihy	3000	
2	Carapanantuba	200	
1	Sapucáia ou Jacaré	300	
1	José João	80	
1	Aripuaná	70	
1	Aráras	12000	
1	Uruá.	4500	
1	Mirití	1500	
1	Genipapo	3000	
1	Matopirí		
1	Murassutuba.	1500	
2	Jacuarana.	1500	
2	Onças.	200	
1	Jurará.	100	
1	Marmellos.	4000	
1	Uruápiára	2500	
1	Baetas	9000	
1	Muras, ...	1500	96
3	Santo Antonio.		
1	Pagé		
1	Piriquitos		
1	Pirahiauára		
1	Pirahibas		
3	Arraias.		
1	Flexas		
3	Sem denominação.		
2	Puneán		
1	Mariaí.		
1	Guaribas		
1	Mandihy		

Na margem esquerda do rio, a 140 leguas da fóz, onde se acha a antiga povoaçaõ do Crato, começam os campos geraes, que vaõ a perder-se na republica da Bolivia. Ahi

vai um proprietario estabelecer fasendas de gado, de muito proveito para a populaçaõ do madeira, e mais tarde a toda provincia. Os pastos saõ exellentes, e a creaçaõ se desenvolverá com muita facilidade. Ogado será transportado comodamente a esta capital e a outros pontos sem o embaraço de cachoeiras, como acontece no rio Branco. Uma das maiores difficuldades com que se luta actualmente é a falta de carne, e portanto a industria creadora, em circunstancias taõ favoraveis como nas margeus do Madeira, deve merecer a maior consideraçaõ do governo, a bem da prosperidade da provincia. Apesar da facilidade e certesa do lucro, que apresenta essa industria, comtudo nem todos se animam a emprehendel-a, por causa da falta de recursos e garantias, que saõ peculiares aos logares desertos. Mais adiante tratarei das medidas que deve tomar o governo a bem do desenvolvimento do Madeira, para garantir a populaçaõ que lá se acha e a que hade vir necessariamente.

As melhores madeiras de construcçaõ encontram-se no valle deste rio. Os Portugueses quando o conheceram, vendo o grande numero de arvores que desciam a tona d' agua, cedros principalmente, deram-lhe o nome que hoje conserva, perdendo o de caiary, como era denominado pelos indios.

Nestes ultimos annos tem entrado para o Madeira mais de 20 mil pessoas, e lá se acha esta grande populaçaõ trabalhando na extracçaõ da seringa, do oleo de cupaiba, da salsa, do breu e na salga do Pirarucú, producçaõ que em 1861 deo a quarta parte das rendas da provincia.

O Madeira é o cominho natural da provincia de Mato Grosso, e devia ser preferido ao Paraguay, pela razão altamente politica de pertencer-nos exclusivamente. O Paraguay traz o Brazil em posição falsa, e tem lhe absorvido grandes sommas.

A' grande vantagem politica deste caminho, liga-se o interesse commercial, o desenvolvimento da industria e populaçaõ, que é patente. Uma grande região hoje deserta, rica em productos naturaes, seria animada pelos transportes, e daria muita importancia ao paiz.

A Bolivia só pode desenvolver-se com a navegação do Madeira. O Brasil concedendo-lhe este grande favor, em

troca de outros, ainda lucrava muito, por que o commercio dessa Republica vinha a ser nosso.

Da primeira á ultima cachoeira ha 70 leguas, segundo o Major Serra. O melhor meio de transpor este obstaculo é abrir uma estrada que ligue os dous pontos extremos, pela margem direita. A estrada pode vir a ter 50 leguas, em consequencia da grande curva que descreve o rio ao poente. Da ultima cachoeira á villa Bella podem navegar vapores que demandem de 6 a 7 palmos d' agua.

No caso de construir-se uma estrada de ferro para vencer as cachoeiras, a viagem da Corte á villa Bella podia ser feita em um mez. Em 15 dias vem um vapor do Rio de Janeiro ao Pará, do Pará á foz do Madeira em 5, e d' ahi vae á primeira cachoeira em 4. A locomotiva, demorando-se muito, transpunha 50 leguas em 24 horas, e da ultima cachoeira á villa Bella um vapor chega em 5 dias.

Junto aqui as longitudes e latitudes determinadas pelo Major Serra em sua viagem, as distancias e os rumos.

LUGARES.	LATITUDE.	LONGITUDE.
Fóz do Madeira	3° 23' 43"	318° 52' 0"
Borba	4 23 0	318 7 15
Ilha Matupiri	5 37 0	
Logo Murucututú.	6 3 3	
Acima do Uruapiára 3 leguas. . . .	6 13 0	
Ilha dos Muras, extremidade boreal.	6 34 15	
Cachoeira do Giráu.	9 21 0	
Dita da Pederneira.	9 31 21	
Dita do Ribeirão (parte inferior). .	10 10 0	
Dita Dita (parte superior). .	10 14 0	
Confluencia do Beny e Mamoré. . .	10 22 30	312 10 30
Cachoeira da Bananeira (Mamoré).	10 35 0	
Ilha das Capiváras	11 14 30	
Juncção do Guaporé com o Mamoré.	11 54 46	312 28 30
Foz do rio Cautários (no Guaporé).	13 13 30	
Logar do Forte do Principe da Beira.	12 26 0	312 56 30
Logar das Pedras.	12 59 35	312 37 30
Foz do rio Corumbiára	13 14 30	
Porto dos Guajurús	13 29 40	
Foz do rio Paragaú.	13 33 0	315 57 0
Logar do Cubatão	14 31 0	
Foz do Capivary	14 39 35	
Dita do Sararé.	14 51 0	
Villa Bella.	15 0 0	317 42 0

	RUMOS.	DIST.ª PELA VOLTA DO RIO.	LEGOAS EM LINHA RECTA.
Da foz do rio Madeira até a do Rio Abuná, ponto mais occidental do rio Madeira	S.O	2294	179
Do Abuná até a boca do Beny ou confluencia do Mamoré com o rio do Madeira	S.	16	14
Da boca do Ben até a juncção do Guaporé com o Mamoré	S.SE	44	31
Da foz do Guaporé ao Forte do Principe	S.E	20½	14
Do dito forte ao Guarajús	E.SE	89½	60
Do Gnarajús ás Torres	E.	33	20
Das Torres ás Pitas	E.SE	13	7
Das Pitas ao rio Verde	S.E	8	4
Do rio Verde á Villa Bella.	S.SE	37	22
Somma.		90	350

SUPERFICIE EM LEGUAS QUADRADAS.

Do rio Guaporé e seus braços.	12:000
De todo o rio Mamoré	8:000
Do Benv, das cabeceiras á foz do Mamoré. .	8:000
Do Madeira até á foz no Amazonas	16:000
Superficie total.	44·000

INDIOS

Muitas tribus vivem nos affluentes do Madeira, e em suas margens. A maior, infelismente, é a dos Muras, muito conhecida pelas más qualidades que a destinguem. Des d'o começo da colonisação do Amazonas que os Muras teem commettido assassinatos e roubos, quer nos povoados dos

brancos, quer mesmo entre os outros indios.

O Mura não tem dignidade; é ladrão, velhaco, bebado e vadio. Por isso digo que é infelismente a maior tribu.

Depois dos Muras veém os Aráras, quanto ao numero: estes teem praticado alguns crimes, é verdade, mas crimes justificados em parte pelo procedimento dos brancos. O Arára é intelligente e planta o necessario á sua alimentação. Durante algum tempo estiveram aldeados cerca de 200 nas proximidades da villa de Borba, e com suas lavouras abasteciam o povoado; mas tendo um delles furtado alguma cousa a um *civilisado*, assentaram muitos destes que deviam fazer com os indios o mesmo que S. Pedro com as abelhas, e lá foram armados atacal-os na aldêa. Inermes, sem esperarem pela aggressão, os Aráras fugiram atemorisados, ficando alguns feridos e mortos. D' ahi por diante não quiseram mais a *civilisação* que lhes tinha custado taõ caro. Desta tribu destacaram-se 3 grupos, que se donominam Hiauareté-tapui, Anerá-tapui e Matanaús.

Os Caripunas habitam nas proximidades das cachoeiras do Madeira, e, segundo os praticos, na extensaõ de 40 á 50 leguas. Saõ elles que coadjuvam a *varar* as canoas nos grandes saltos, e assim facilitam essa trabalhosa viagem, que seria quasi impossivel, se não se prestassem ao trabalho, aggredindo pelo contrario os viajantes.

Deos queira que elles não experimentem o fructo da *civilisaçaõ*, que taõ ámargo foi para os Aráras, e outras tribus. Pela grande extensaõ que occupam, vê-se que os Caripunas saõ numerosos; pelo seu procedimento, que podem ser aldeados, prestando bons serviços á lavoura e a navegaçam do rio.

A tribu Turá tem as melhores disposições; emprega-se de preferencia na lavoura da mandioca, e vende farinha aos regatoes, e fabricantes de seringa estabelecidos acima do Crato. Estes ainda com mais facilidade podiam ser aproveitados.

Os Urupás, como os Turás, saõ laboriosos e pacificos; trabalham na extracçaõ do oleo de cupaiba e salsa, que dão aos regatões em troca de ferramentas, fasendas e enfeites; já estiveram aldeados na margem do rio, mas tendo-se desenvolvido uma catarrhal, da qual muitos foram

victimas, abandonaram a aldêa, voltando ao centro d'onde sahiram.

Pela ferocidade e antropophagia, a tribu Parintintin distingue-se entre as outras. Estes indios parece que declararam guerra a humanidade. A sua flexa vôa ao indigena, assim como ao branco e ao preto; todos saõ inimigos. Elles não querem relações com os civilisados, fogem de encontralos, talvez com razão. Pessoas antigas e praticas informaram-me que entre os Parintintins ha desertores, aos quaes attribuem em parte o procedimento dos indios. Tambem dizem que esta tribu habitára outr'ora nas proximidades do mar, porque nas aldeas abandonadas teem visto algumas pinturas de peixes do mar e de quadrupedes, que não vivem nas mattas. No centro da aldêa ha uma casa reservada á oração; no topo de algumas estacas fincadas no interior é que se acham pintadas as figuras dos animaes, que saõ necessariamente os idolos do culto. Se assim é, os Parintintins emigraram do litoral, depois de muito maltratados, e agora no Madeira exercem a vingança contra qualquer pessoa, suppondo pertencer á raça de seus perseguidores. O Parintintin é laborioso, intelligente e muito dado á gricultura; planta mandioca, milho, arros, batatas. & Dizem todos que é a melhor gente para o trabalho.

Os Piarrhans e Matanaûis saõ indios que tambem com facilidade se podem aldear, porque, sobre serem pacificos, mostram muito gosto pela cultura.

Nas cabeceiras do rio Jamary vaga uma tribu, que não é ainda bem conhecida, os indios teem a cutis um tanto clara e os cabellos avermelhados.

Esta grande populaçaõ sem cultivo, entregue a si mesmo e de alguma sorte perseguida, opporse-ha cada vez mais á verdadeira civilisaçaõ. O governo deve mandar quanto antes alguns missionarios para o Madeira, missionarios que se empreguem *exclusivamente* na cathequese, e vivam entre os indios ensinando-lhes a moral, *pelo exemplo principalmente*, e pregando as virtudes do trabalho. Só assim poderemos aproveitar tantos braços, que não prestam serviço a si nem ao estado, e que a cada instante podem voltar-se contra nós guiados por algum espirito máo.

EXPLORAÇÕES DO MADEIRA

O rio Madeira foi conhecido pela primeira vez até a parte superior das cachoeiras em 1725. Era entaõ Governador do Pará o General João da Maya da Cama. A noticia do apparecimento de homes brancos acima das cachoeiras, que andavam alliciando e contratando indios, motivou a expedição, que mandou o dito general ás ordens de Francisco de Mello Palheta. Palheta subio as cachoeiras, e chegou ás missoes hespanholas. Ainda que a viagem não fosse propriamente de exploraçaõ, comtudo ficou d'ahi em diante conhecida uma parte muito importante do interior do paiz e de seus limites provaveis.

Em 1716 o capitaõ môr do Pará Joaõ de Barros da Guerra foi mandado ao Madeira como chefe de uma expedicaõ contra os indios Turás, que costumavam descer ao Amazonas para atacarem as canôas dos regatões. Segundo Baena, o capitam môr naõ passou das barreiras do Manicoré, 75 leguas acima da fóz do Madeira. O Ouvidor Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio refere em seu diario, que o mesmo morrera nesta viagem em consequencia d'uma arvore que cahio sobre a canôa, que o condusia.

De 1780 á 1790 é que o Madeira foi explorado scientificamente pela commissaõ d'engenheiros, que levantou a carta da provincia, para servir de base ao tratado definitivo de limites entre o Brasil e as possessões hespanholas. A ultima viagem da commissão ao Madeira foi dirigida pelo Sargento môr de engenheiros Ricardo Franco de Almeida Serra, que verificou as observações feitas anteriormente, acrescentando algumas noticias importantes sobre logares e rios não mencionados no primeiro diario. O seu trabalho por isso é o mais perfeito sobre este rio.

Na Secretaria do governo existe a carta da provincia que levantou essa commissão, desenhada pelo dr. em mathematicas José Joaquim Victorio da Costa.

COLONISAÇÃO DO RIO MADEIRA

A Colonisação nesta Provincia é talvez mais facil e menos despendiosa que em qualquer outra do imperio

Como se tem observado no Sul, os estrangeiros não servem muito bem para povoar os nossos sertões, e mesmo os logares proximos das Villas e Cidades. Fallo em geral. A rasão é simplesmente por que, longe dos povoados, faltão recursos indispensaveis á vida, falta a sociedade com que estão elles habituados em seu paiz; por que os transportes são caros. Na visinhança dos povoados, o colono não tarda em reconhecer que a lavoura não é a industria que dá mais lucro. Ha carencia de braços; o colono encontra logo quem lhe adiante algum dinheiro; a rescisão dos contractos é a consequencia; a colonia desapparece.

Este phenomeno é muito natural, e se ha de realisar em quanto as circumstancias não mudarem.

Mas o colono não perdeo-se pelo facto de deixar a colonia, ficou no paiz; o sacrificio do governo não foi inutil. A falta que temos de braços é tam grande, que só a emigração em maior escala pode sentir-se.

Nesta provincia as cousas tem-se passado tambem assim.

Alem das razões capitaes, que acabo de apresentar, ha outras de algum peso: — a má qualidade de gente que tem vindo, a escolha mal pensada das localidades.

A colonia de S. Leopoldo no Rio Grande do Sul é uma excepção da regra geral. Alli acertou-se com as condições para o seu desenvolvimento, e tudo foi progredir. Temos outras colonias que tambem prosperam, mas não tanto como esta.

As causas que empecem a estabilidade e augmento das colonias agricolas entre nós, em vez de ser um mal, como parece, concorrerão mui efficazmente para que a emigração se desenvolva, com tanto que haja criterio na escolha do emprego dos colonos.

Quando se trata de estabelecer uma colonia, ou qualquer estabelecimento productor, a primeira cousa a conhecer é a industria que recebe mais remuneração, depois a capacidade do mercado, ou a quantidade de productos que elle pode absorver, e o seu desenvolvimento provavel. Sem o estudo dos fa-

ctos economicos que se dão em um paiz, é duvidoso o resultado de qualquer empresa.

Desgraçadamente no Amazonas, nas outras provincias, parece que não se attendeo bem a este preceito, e foi a rasão de não prosperarem a mor parte das colonias.

Aqui a agricultura quasi não existe, e a prova está na importação dos generos dessa industria. Não é por que sejão mal recompensados; pelo contrario, o preço avulta, e avulta de mais. Apesar disso, a lavoura dos generos alimenticios não se desenvolve, e não se desenvolve por que? Por que ha outros productos que dão mais interesse. As forças desvião-se da casa pobre, porém solida, e vão convergir todas no palacio doirado, que pode baquear de um momento para outro. É um mal, reconhecemos, mas é uma consequencia natural das leis economicas.

A extracção das drogas do paiz, principalmente a seringa, tem absorvido as forças da provincia, e as que vem de fora, e ha de absorvel-as em quanto esse trabalho for melhor recompensado que outro qualquer. Esta circumstancia foi que determinou a alça de preço dos generos de primaira necessidade, a ponto de, em alguns logares, no alto Madeira por exemplo, vender-se um alqueire de farinha por 9$000 réis em certas occasiões. Mas o bom seringueiro não se importa com isso, elle que tira por dia uma arroba de seringa, que lhe dá na porta 10$000 réis. Ainda mesmo que o trabalho agricola fosse tam bem recompensado como o da extracção das drogas, ainda assim estas não seriam abandonadas. É uma fraqueza inherente ao homem que não tem certo cultivo — preferir o trabalho fortuito a outro que tenha bases, o lucro incerto ao certo e moderado. A extracção das drogas, além disso, não exige preparativos; não ha derribadas a fazer, nem plantações, nem limpas; o serviço consiste somente na colheita e conservação do producto; não ha empregos de capitaes em fim. Assim, é preciso que seu preço baixe muito, que seja inferior ao dos generos alimenticios, para que as remunerações cheguem ao mesmo nivel. Só neste caso a lavoura será attendida, se houver capitaes disponiveis. Faltando este elemento, ainda as drogas hão de predominar, hão de ser preferidas a mandioca, ao caffé e a cana; o cacáo, o milho, o feijão, o arroz, cuja lavoura é

mais facil e exige depois da colheita pouco trabalho; devem ser, economicamente fallando, os generos cultivados em primeiro logar, logo que as drogas se forem depreciando, principalmente a seringa.

Na provincia do Rio de Janeiro deo-se o mesmo facto que no Amazonas. Quando a demanda do caffé desenvolveo-se alli, e manifestou-se, como consequencia natural, a alça do preço desse genero, os capitaes e o trabalho empregado na cultura da mandioca, milho, feijão, arroz &c. começarão a desertar, e forão absorvidos em grande parte pelo caffé. D'ahi resultou a carestia d'aquelles generos, tendo a sua producção enfraquecido.

Em circumstancias normaes, é uma verdadeira calamidade a elevação rapida do preço de um producto, por que, além de deslocar as forças de outros empregos, acarreta a ruina da classe productura, se esta não tiver a precisa instrucção.

O industrial deve sempre regular suas despesas pelo preço minimo que o genero obtem no mercado, não contando com as grandes remunerações. Só assim pode-se accumular capitaes, e cresce a riquesa publica.

A primeira consequencia de não observancia deste principio é a carencia do trabalho. O productor ignorante, logo que o seu genero é bem vendido, começa a pagar maiores salarios, a fim de produsir mais, dispondo de maior numero de braços, e entrega-se ao luxo, que o excesso dos lucros pode proporcionar. Vem depois a baixa do preço; o salario conserva-se no mesmo estado, por que o trabalhador acostumou-se a gastar conforme ganhava, e não quer receber menos. O emprehendedor já não pode satisfazer as necessidades com que se havia identificado; tendo de pagar maiores salarios, os seus lucros se redusem ainda mais; contrahe emprestimos; não pode satisfazel-os em tempo; arruina-se finalmente.

Foi isso justamente o que aconteceu em Maranhão, em relação á lavoura do algodão, com a differença porém de terem os fasendeiros nessa provincia um grande capital empregado em escravos, capital que deve ser considerado como adiantamento ao trabalho.

Aqui no Amazonas o alto preço da seringa já produsio seus males. Fallo só da seringa por que é a droga predominante. Mas como o paiz é novo, e a população diminuta, essa perturbação

tambem tem sido util, e ha de ser.

O valle do Amazonas não é só importante pelas producções naturaes que contem, pela fertilidade do solo; é principalmente por causa dos grandes rios, pela facilidade das communicações. Os productos naturaes, valiosos como são, teem atrahido muitos braços de fóra, e a emigração será maior quando o paiz for bem conhecido e avaliados devidamente os seus recursos.

Foi por causa do ouro que tam cedo povou-se a rica e florecente provincia de Minas. Nós não temos ouro, descoberto em tanta abundancia como lá, mas possuimos cousa melhor. O ouro não cresce nas minas, nem é susceptivel de cultivo e aperfeiçoamento: a seringueira pode durar de 70 á 80 annos, trabalhando-se com methodo na extracção do leite, e dá bem com 8 annos de idade. Isto quer dizer que a seringa não se acaba no Amazonas, tomando o governo as medidas que são indispensaveis para regularisar-se o trabalho, á bem da riquesa publica e particular

Os numerosos empregos que já tem a seringa é uma garantia do trabalho que for empregado na sua producção. Ora, no estado atcual da provincia, esta claro que é nessa industria que se devem empregar os colonos, pela rasão apontada de ser mais lucrativa, de não exigir emprego de capitaes. O colono no mesmo dia em que chegar pode vender o producto do seo trabalho.

Presentemente uma arroba de seringa custa 10$000 réis na porta do fabricante, e no mercado do Pará 14 a 17$ reis. Um homem activo, trabalhando regularmente, tira 30 libras por dia, termo medio, e ganha por tanto 9$360 réis.

De Junho a Desembro, no verão, é quando tem logar a fabricação, podendo calcular-se em 175 dias o tempo do serviço effectivo, que rende 1:638$000 réis. O trabalhador consumindo largamente 60$000 rs. mensaes, tem ainda de lucro 1:218$000.

Os melhores seringaes que tem a provincia são os do rio Madeira, onde o Governo deve estabelecer os colonos, como acertadamente decretou a assembléa provincial. As terras são ferteis, e prestão-se bem ao cultivo do algodão, canna, caffé, cacáo, feijão, milho, arroz &c. Os colonos, no tempo do inverno, podem fazer roças, tendo assim pelo menos fructas, hortaliça, batatas, e algum legume para o sustento. Uma das melhores fructas do Brasil — o cajú — dá muito bem alli e em

todo o valle do Amazonas. O terreno é tão apropriado que o cajueiro fructifica tendo menos de um anno de idade.

A facil navegação do rio, a proximidade da Villa de Serpa, que dista da fóz 5 legoas, facilita muito os transportes, que cedo talvez se aperfeiçoarão ainda mais, quando extender-se a navegação a vapor ao menos ao ponto dos Baêtas, ficando assim a 7 dias de viagem do Pará e a 2 desta capital o centro da producção do Madeira.

O clima é salubre; as molestias que costumão apparecer,— desenterias mais ou menos perigosas, incommodos de estomago e intestinos, resultão em grande parte da agua dos rios, que no começo do inverno principalmente achaõ-se carregadas de materias vegetaes em decomposição; a imprevidencia do povo concorre tambem para o augmento do mal. Uma ligeira febre intermittente, uma suppressão de transpiração occasionão muitas veses a morte, por que o doente, em vez de procurar tratamento regular, vae banhar-se no rio.

O Madeira offerece pois as melhores condições para o estabelecimento de colonos.

Temos o homem em paiz fertil e sadio, em frente de um producto natural muito valioso, cuja extracção não exige capitaes, e com o mercado na porta. E' preciso tratar agora da sua alimentação.

A população do Madeira alimenta-se geralmente de pirarucú secco e farinha, entrando tambem a tartaruga em grande parte. O pirarucú suppre de alguma sorte o bacalháo, e é preferido pela gente do paiz, mas o seo úso continuado não pode deixar de ser prejudicial. A tartaruga é melhor que o pirarucú, e mais nutriente; tem a desvantagem porém de não se poder contar com ella regularmente, apesar de ser muito abundante nos rios e nos lagos. Temos, pois, o pirarucú, constante, porém improprio para constituir a base da alimentação, e a tartaruga, que não se encontra sempre. Além disso, estes generos são proprios do paiz, e os colonos a principio devem soffrer com a mudança do alimento, tornando-se por tanto necessario um genero usado universalmente, e neste caso está a carne de gado vaccum.

Nos campos do Crato existe pequena porção de gado que, pelo abandono, tornou-se bravio; mas a criação tem de de-

senvolver-se breve e regularmente, por que lá vae fundar algumas fasendas um proprietario desta Capital, que conhece bem da industria creadora.

Assim podemos contar, não agora, porem mais para adiante, com o melhor genero alimenticio.

D'aqui se conclue que a colonisação não deve ser começada em grande escala. Algumas familias estabelecidas no logar mais proprio não encontrarão tantas difficuldades, e servirão de centro a grande emigração, que o augmento dos recursos deve favorecer.

A aldêa de Sapucaia-oroca é o ponto mais proprio para o estabelecimento dos primeiros colonos, por ser o que dista menos da villa de Borba.

Eis a relação dos melhores logares e as distancias á fóz do rio.

	De Borba.	*Da fóz.*
Sapucaia-oroca	14 ls	39 ls
Barreiras do Aripuaná	26	51
Barreiras em frente da ilha das Araras . .	28	53
Barreira em frente da ilha do Uruá . . .	31	56
Barreiras do Anhangatini	42	67
Barreiras do Manicoré	50	75
Barreiras do Capanan	57	82
Barreiras dos Marmellos	65	90
Barreiras do Uruápiára	68	93
Aldêa dos Muras 1 legoa acima da fóz do lago Baetas	71	96

Estes logares são altos e ficão a cavalleiro das maiores enchentes.

As grandes despesas que exige a colonisação estrangeira, a incertesa das qualidades do colono, são motivos fortes para não pensarmos nella por em quanto em relação a esta provincia. E' dos nacionaes que o governo deve lançar mão, pois alem de custarem pouco, não teem de soffrer pela deversidade do clima e costumes.

Nas provincias do Sul, do Pará em diante, ha muita gente que viria para o Amasonas, se o Governo facilitasse o transporte. Esses nossos patricios, além de fazerem a sua felicidade,

emigrando, enréqueceriaõ o Amazonas. A provincia do Ceará distingue-se entre as outras. A adversidade que tem perseguido essa parte do Imperio, a escassez de terras de lavoura tornou o povo laborioso e soffredor.

Chamemos, pois, os nossos irmaõs do Sul para ajudar-nos no progresso do Amazonas, já que possuimos tam pequenas forças. O Governo de ha muito que devia ter lançado mão deste meio civilisador. O homem do Sul caminha, o indio quase não se move, e não se move pelas circumstancias em que vive; na infancia da vida social, elle não busca senão o alimento, e como o encontra facilmente, fica no mesmo logar. Isto não é preguiça, indolencia, como falsa e geralmente se pensa. Qual o movel que leve o indio ao trabalho, satisfeitas as necessidades naturaes? Nem um por certo. O homem social por que trabalha sempre, e incessantemente? Por que tem de satisfazer infinitas necessidades: sempre que elle chega a realisação de umas, novo horisonte descobre onde brilhão milhares de outras, e assim por diante.

No indio ainda não se desenvolveo o *interesse*, «esse movel interno, immorredor, universal, que reside em toda a individualidade, e a constitue ser activo; essa tendencia do homem a procurar a felicidade e evitar a desgraça; esse producto, effeito, complemento necessario á sensibiliade, sem a qual ella não seria mais que uma chama inexplicavel; esse phenomeno primordial, que é a origem das acções humanas; essa força attractiva e repulsiva, que é a mola da mechanica social.....» Como eloquentemente define Bastiat.

O meio mais prompto de desenvolver o interesse no indio é pôr á seu lado o homem activo, previdente, o homem social gosando da felicidade que resulta do trabalho. A principio é natural que elle o não acompanhe, mas depois hade mover-se, e desenvolvido e aperfeiçoado o interesse a obra está completa.

Aqui suppomos educação e disciplina.

A occasião não pode ser mais propicia para V. Ex.ª promover a colonisação nacional nas margens do Madeira. Lá existem muitos fabricantes abastados que receberão os colonos que V. Ex.ª mandar vir, e o Snr. Coronel Leonardo Ferreira Marques, cearense, vae montar um estabelecimento para a fabri-

cação da seringa, onde admittirá os seus comprovincianos e os filhos de outras provincias.

A colonisação não se limitará ao Madeira, esta capital tambem deve ser attendida, onde quasi tudo falta por não haver quem trabalhe. Aqui as construcções não se desenvolvem por falta de operarios, as obras publicas tambem. O tijolo, a telha, as madeiras de construcção, incluindo *ripas*, tudo ou quasi tudo vem do Pará ou de Serpa, e por preços fabulosos! A olaria que temos não trabalha, por falta de gente, não ha aqui uma serraria, um estaleiro de que tanto precisamos.

E Manáus é a capital da provincia mais importante do Imperio, já, politicamente fallando. Em metade de nossas fronteiras estão sete estados, cinco dos quaes quasi na maxima parte, tem de mandar seus productos pelos grandes rios que possuimos. O commercio com o Perú vae-se tarnendo muito importante, com Venezuela começou este anno, logo que se negociou o tratado de commercio com essa Republica, o da Bolivia desenvolver-se-ha quando o Brazil quizer, e assim o dos outros paizes.

E o Amazonas, a barreira de tantos povos, possuindo os maiores elementos de riquesa, não tem lavoura, não tem fabricas, não tem quasi população util!

COLONIA MILITAR.

O estabelecimento d'uma colonia militar no logar dos Baetas é uma necessidade urgente, e reconhecida por todos que tem estudado as circumstancias do rio Madeira. Esse ponto fica a 96 leguas da fóz do rio, quasi no centro das fabricas de seringa, e tem as melhores proporções para o desenvolvimento de uma povoação.

A população do Madeira vae crescendo muito, e a falta da autoridade independente, que trate só de garantir os direitos do cidadão é um grande mal que já tem produsido alguns resultados funestos. A colonia como elemento de força, coadjuvando a autoridade, acabaria com a desordem, que é filha mesmo da naturesa do trabalho em que geralmente se emprega a população, do seu estado moral; era uma garantia da ordem e dos bons costumes, e como tal necessaria.

Caminho facil e muito conhecido de uma parte da fronteira, o Madeira deve ter um ponto militar, assim como tem o rio Branco e o rio Negro, e com mais rasão, por que será breve muito frequentado. Quando a navegação se desenvolver no Madeira, a colonia lhe servirá de ponto de apoio, facilitando-lhe os recursos de que precisar.

O registro em Borba não está bem. A ilha fronteira á Villa impede a fiscalisação das canoas, que passão occultamente pelo outro braço do rio. Nos Baetas não acontece assim, convindo por isso que o registro seja ahi estabelecido.

Mais para diante, quando a população extender-se á cachoeira de Santo Antonio, então nesse logar se fixará definitivamente o ponto militar e o registro. A colonia dos Baetas nessa epoca é provavel que tenha adquerido os foros de villa ou cidade, occupando o centro de uma florescente comarca.

ADMINISTRAÇÃO DOS SERINGAES.

A lei de 18 de Setembro de 1850 prohibio expressamente a devastação das mattas devolutas que, em prejuiso da lavoura e salubridade, em prejuiso de todos ia progredindo demasiadamente, A lei não tratou do modo nem do tempo; prohibio o resultado. Derribar uma arvore é o mesmo que tirar-lhe a casca, cortar-lhe as raizes, comprimir-lhe fortemente o tronco ou perfural-o. A questão é somente de tempo.

Si, em geral, a devastação das mattas é prejudicial, mais ainda é a de certas plantas, que pelo valor das raizes, cascas e resinas constituem a riquesa por em quanto — unica — de algumas provincias do Imperio.

Esta e a provincia do Pará estão neste caso.

Ja vê por aqui V. Ex.ª que é de urgente necessidade regularisar a extracção das drogas do paiz. Os processos verdadeiramente selvagens que ainda se empregão, acabam em pouco tempo com as plantas, que desapparecerão de todo, visto como não se trata de substituil-as.

Nas ilhas e igapós do Baixo Amazonas (Pará) ja se vao sentindo a falta de seringaes, e é a rasão de ter affluido tanta gente para o Madeira. As arvores estragadas, enfraquecidas, não podem dar leite bastante para saciar a avidez dos fabricantes

Nesta provincia hade acontecer o mesmo se o Governo não tomar providencias.

A salsa, a estopa e o oleo de cupaiba estão no mesmo caso.

Até hoje no Amazonas os seringaes teem produsido o mesmo effeito ou peor ainda que as minas de ouro em paizes incultos. É uma horda nomade que pousa ora aqui ora acolá, tirando das seringueiras a maxima quantidade de leite que é possivel, matando as plantas e deixando a poz si a devastação. Logo que o seringal não deixa lucros fabulosos, que não fornece em um dia o producto cujo valor equivale ao que pode ganhar um trabalhador em seis dias, levanta-se o acampamento, e novo seringal é infestado, mutilado e destruido.

A avidez dos fabricantes dava logar a continuas desordens, que ainda hoje se repetem. A posse dos seringaes, que é constituida por alguns caminhos de pé-posto, alcunhados pomposamente com o nome de *estradas de seringa*, sempre duvidosa, sempre contestada; a imprevidencia e falta de cultivo dos trabalhadores; a ausencia da autoridade, d'onde resultava a impunidade dos crimes que por lá se praticavão; o deboche e o luxo, consequencias de grande lucro, tudo concorreo para que aindustria da extracção da seringa tenha produsido muitos males a par de alguns bens.

E ninguem se illuda com o progresso espantoso que apresenta o Pará. Esse progresso é ficticio, não tem bases; acaba cedo se o Governo não tomar providencias.

No fim de 60 annos os seringaes estão mortos, a salsa deve ter desapparecido, assim como as cupaibeiras, dos logares mais favoraveis e onde o trabalho é vantajoso. É preciso depois ir buscar essas drogas no alto Hiapurá e nas cabeceiras de outros rios ainda hoje desconhecidos.

A grande questão do Amazonas é, por tanto, regularisar o trabalho da extracção das drogas, ou melhor — *fixar a população*—para que a lavoura dos generos alimenticios se desenvolva, para que o progresso das duas provincias seja real.

O Governo deve começar por conceder a posse dos seringaes a quem quiser empregar-se na extracção da droga, sujeitando porém os posseiros a um regulamento, que trate da maneira mais proveitosa de proceder-se no trabalho, concessão que será proporcional ás forças de cada um.

Os seringaes não poderão ser concedidos se não para cultivo, e assim a posse será firmada pelo estabelecimento do posseiro e das pessoas que trabalharem em seu serviço. O posseiro será obrigado: 1.º A abrir 4 picadas largas, que limitem o seu dominio, as quaes conservarão sempre limpas. 2.º A cultivar certa porção de mandioca, milho, feijão, arroz, quanto baste para o sustento da gente empregada no serviço, durante dous mezes. 3.º A empregar o s stema das tigelinhas. 4.º A plantar seringueiras dentro de sua posse onde as não houver, e a substituir as arvores que pela idade enfraquecerem.

A transferencia das posses será feita perante a autoridade que o Governo julgar conveniente, obrigando-se o 2.º possuidor a continuar no mesmo trabalho, e a cultivar o dobro dos generos alimenticios. No acto da transferencia o primeiro possuidor pagará ao Governo uma quantia mais ou menos igual ao valor da posse, regulando-se pelo preço minimo estabelecido na lei de 18 de Setembro de 1850. Esta indemnisação pagará qualquer posseiro quando abandonar a posse. As posses ja estabelecidas serão confirmadas segundo estas condições.

Haverá um registro das posses, que conterá não só o nome do posseiro, como o de seus aggregados, idade e qualidade. O Governo nomeará um inspector dos seringaes, que será ao mesmo tempo o juiz dos pleitos que se levantarem por amor delles.

Este empregado visitará annualmente os estabelecimentos, examinando cuidadosamente se as condições são cumpridas, e estudando pouco e pouco o melhor systema de trabalho, dando conta de tudo ao Governo.

EXTRACÇÃO DA SERINGA.

No começo da extracção da seringa empregava-se o s stema denominado do — *arrocho*, que consistia em cumprimir-se o tronco da arvore com um cipó muito grosso, obliquamente, fazendo-se na parte superior algumas incisões por onde corria o leite, que era recebido em um vaso na parte inferior da ligadoura. Este processo mata as arvores em pouco tempo. Infelizmente ainda hoje é usado apesar de prohibido. O segundo processo, o das *tigelinhas* — não tem os inconvenientes do

primeiro. Depois de feita a incisão adapta-se um pequeno pucaro de barro ou de folha no bordo inferior para receber o leite, empregando-se para isso a argila meio plastica. Assim grande parte da seiva descendente continua seo caminho, a arvore não soffre tanto e pode durar muito tempo. Depois de extrahido o leite, trata-se da sua conservação, que consiste em defumal-o com o vapores que resultão da insineração dos fructos da palmeira Urucury e Uanassù.

O trabalho tem logar pelo verão, de Junho a Desembro. Das 7 ás 9 horas da manhãa empregão-se os trabalhadores em fazer incisões nas arvores e ligar os pucaros, que ao meio dia, mais ou menos, estão cheios. A' essa hora ajunta-se o leite em vasos maiores, para ser condusido á casa. As tardes são empregadas em *defumar a seringa*

E aqui termino estas linhas pedindo desculpa a V. Ex.ª da imperfeição do trabalho.

Deos Guarde a V. Ex.ª

Manáus 3 de Outubro de 1861.

Ill.mo e Ex.mo Snr. Dr. Manoel Clementino Carneiro do Cunha,
Presidente da Provincia.

João Martins da Silva Coutinho.

MANÁOS.

1861—Typ. de Francisco José da Silva Ramos—

METEOROLOGIA.

OBSERVAÇÕES FEITAS NA VIAGEM AO RIO MADEIRA EM JULHO DE 1861.

Dias	H.	Ther. C.	Diff.	Ther. hum.	Temperatura d agua dos rios.	Aspecto do Ceu, e vento.	Logares.
1	6t.	27. 6	3.4	24. 2	27. 2	Ceu limpo, aragem de E	Fóz do Solimões.
2	6m.	24. 6	2.0	22. 6	26. 8	» »	Porto de Serpa. Amazonas.
	4t.	29. 5	5.3	24. 2	27. 2	» »	»
3	6m.	23. 6	0.8	22. 8	26. 8	Encoberto, chuva. Grande trovôada de E. a noite p.	»
	12	25. 4	1.7	23. 7	26. 8	» agora é que cesson a chuva.	Furo do Saracá.
	9t.	24. 6	1.3	23. 3	26. 9	Encoberto, vente de E.	Villa de Silves.
4	6m.	24. 0	1.4	22. 6	26. 8	» »	»
	12	28. 0	3.9	24, 1	27. 2	» calma.	»
	6t.	24. 3	2.1	22. 2	26. 8	Meio nublado, E. brando.	»
5	6m.	23. 4	1.4	22. 0	26. 8	Encoberto, ameaça chuva.	»
	12	27. 2	2.0	25. 2	27. 0	» chuveo das 8 em diante e continua, calma	»
	6t.	24. 0	1.0	23. 0	26. 7	» aragem de E. Choveo até ás 2 horas. .	»
7	6m.	23. 9	1.6	22. 3	27. 6	Limpo, ar nevoado, aragem de E	Porto de Serpa. Amazonas.
	12	28, 8	2.9	25. 9	28. 6	» vento SO regular. Bello dia.	Fóz do Madeira.
	6t.	27. 0	2.1	24. 9	27. 5	» » E. brando.	8 leguas da fóz. Madeira.
8	6m.	22. 1	0.9	21. 2	26. 6	» » » calma	Porto de Borba. »
	12	29. 7	4.1	25. 6	27. 0	» » SE regular	28 leguas da fóz. »
	6t.	27. 4	3.6	23. 8	27. 6	» » E calma.	Porto da ilha Mandihy Madr.a
9	6m.	22. 5	1.3	21. 2	26. 2	» » » »	Porto da Boa-Vista. »
	12	29. 5	4.1	25. 5	27. 1	» » SE regular.	Perto da ilha das Araras. »
	6t.	27. 2	2.9	24. 3	26. 4	» » » calma.	Perto da ilha do Genipapo. »
10	6m.	23. 0	1.2	21. 8	25. 8	» aragem de E.	Perto do Capanã. »
	12	32. 8	7.5	25. 3	26. 5	» calma.	Perto da ilha Jacuarana »
	6t.	26, 2	2.9	23. 3	26. 1	» aragem de E	Perto da ilha das Onças. »
11	6m.	26. 6	4.0	22. 6	25. 6	» » »	» »
	12	32. 3	6.1	26. 2	26. 6	» calma.	Perto da fóz dos Marmellos.
	6t.	26. 4	1.9	24. 5	25. 8	» vento E brando.	Porto dos Baetas. Madeira.
15	6m.	23. 4	0.9	22. 5	25. 2	» » » regular.	» »
	12	29. 4	3.6	25. 8	26. 0	Encoberto, » O regular.	Perto da ilha das Onças. »
	6t.	26. 2	1.7	24. 5	26. 2	» » E fraco.	Fóz do Manicoré. »
16	6m.	24. 5	1.9	22. 6	25. 8	» » calma	Fóz do Manicoré. »
	11	31. 5	6.9	24. 6	26. 5	Limpo, vento ENE fresco.	Perto das Aráras. »
	6t.	26. 8	2.4	24. 4	26. 7	Encoberto, calma.	Porto da Boa-Vista. »
17	6m.	23. 0	1.0	22. 0	26. 2	Limpo, aragem de E.	» »
	12	28, 9	5.7	23. 2	26. 8	» calma.	» »
	6t.	27. 2	3,1	24. 1	26. 6	» »	» »
18	6m.	20. 1	0.5	19. 6	26. 1	» »	Porto do Mandihy. »
	12	32. 8	8.2	24. 6	27. 8	» »	Porto de Borba. »
	6t.	26. 3	2.8	23. 5	27. 0	» »	10 leg. abaixo de Borba. »
19	6m.	25. 0	0.6	24. 4	26. 2	Encoberto, calma.	Amazonas.
	12	29. 6	4.4	25. 2	27. 6	Limpo, calma.	»
	6t.	27. 2	3.4	23. 8	27. 0	» »	Furo do Carero, aguas do Solim.es

Observações feitas n'aldeia dos Muras, logar dos Baetas — mez de Julho.

DIA 12.

H.	Ther. C.	Diff.	Ther. hum.	Temper.ª d'agua	Aspecto do Ceu, e vento.
6m.	22. 6	8.0	21. 8	25. 6	Ceu encoberto, calma
10	25. 9	2.3	23. 6		» »
11	26. 3	2.4	23. 9		» »
11 1/2	26. 7	2.7	24. 0		« SO regular
12	27. 0	3.3	23. 7	26. 0	» »
t. 1/2	27. 0	3.4	23. 6		» »
1	27. 3	4.8	22. 5		» Pouco nublado em cirrus, SE fresco.
1 1/2	27. 8	4.6	23. 2		» » em cumulus, SE fresco.
2	28. 0	4.3	23. 7		» » »
2 1/2	28. 6	5.0	23. 6		» » »
3	28. 8	4.9	23. 9		» » »
3 1/2	29. 0	5.0	24. 0		» » »
4 1/2	28. 0	3.7	24. 3		» » »
5	27. 4	3.3	24. 1		» » »
6	25. 8	3.2	22. 6	25. 5	» » »

DIA 13

H.	Ther. C.	Diff.	Ther. hum.	Temper.ª d'agua.	Aspecto do Ceu, e vento.
6m.	22. 6	1.0	21. 6	25. 3	Ceu limpo, SE. fresco.
2t.	29. 9	5.6	24. 3	26. 0	» » Bello dia.
3	29. 8	5.7	24. 1		» »
4	30. 1	5.9	24. 2		» calma.
4 1/2	30. 2	5.8	24. 4		» »
5	30. 0	5.6	24. 4		» »
5 1/2	27. 7	3.2	24. 5		» »
6	26. 6	2.6	24. 0	25. 4	» »

DIA 14.

H.	Ther. C.	Diff.	Ther. hum.	Temper.ª d'agua.	Aspecto do Ceu e vento.
6m.	21.º 8	0º 8	21.º 0	25.º 1	Ceu limpo, vento S, fresco.
10	26. 4	3.8	22. 6		» SE. fresco. Bello dia
11	27. 7	4.1	23. 6	em caza	» »
12	28. 4	4.4	24. 0	23. 4	» »
1/2t.	27. 7	3.3	24. 4		» calma.
1	29. 3	4.8	24. 5		» »
2	29. 5	4.5	25. 0		» »
3	29. 4	4.4	25. 0		» SE. fresco.
4	29. 2	5.3	23. 9		» calma.
5	30. 4	6.1	24. 3		» »
6	26. 4	2.5	23. 9	25. 0	Encoberto, calma.

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato
E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura